

GÊNERO E ENSINO SUPERIOR: A INSERÇÃO DE MULHERES NO CURSO DE ELETROTÉCNICA INDUSTRIAL DO INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO – CAMPUS PONTES E LACERDA

Maria Eduarda Araújo de Aquino¹
Joyce Brito Silva²
Bruna Garcia Fonseca³
Jessica Aparecida Cassia dos Santos⁴
Aline Pereira Dutton⁵

INTRODUÇÃO

As desigualdades de gênero presentes na sociedade são marcadores sociais e históricos que provocou relações sociais de dominação e subordinação da mulher em relação ao homem. Dentre as abordagens de gênero, algumas apontam que a legitimidade desse processo é uma construção histórica fundada a partir da divisão sexual do trabalho, na qual atribuiu às mulheres papéis e funções sociais com elementos simbólicos que atuam como indicadores de condição de inferioridade em relação ao homem, os quais demarcam e operam distintos tempo e espaço.

O espaço privado, das responsabilidades domésticas, dos cuidados com os filhos se constituiu como atividades centradas na mulher. Tal situação as remete a vivenciarem conflitos e contradições permeadas pelo trabalho produtivo e pelo trabalho reprodutivo, vertentes, contributivas para as escolhas de formação acadêmica e carreira profissional. O espaço público construído socialmente como campo de atuação masculina, também esteve presente no contexto histórico da ciência. A construção do conhecimento científico foi destinada quase que exclusivamente aos homens, poucas mulheres eram inseridas neste espaço, e ainda assim, não tinham visibilidade na academia.

No atual cenário da educação superior brasileira, os estudos apontam para um recorrente crescimento da inserção feminina em cursos de graduação e pós-graduação, contudo, a predominância permanece centradas em áreas consideradas tradicionalmente à mulher, tais como: enfermagem, pedagogia, psicologia, entre outras. Enquanto as ciências exatas, vistas como áreas de conhecimento promissoras, de prestígio social são ocupadas majoritariamente por homens. Esta segregação reproduz e acentua a divisão social/sexual do trabalho e consequentemente o engendramento das áreas do conhecimento.

Neste viés, observamos que no Instituto Federal de Mato Grosso - *Campus* Pontes e Lacerda Fronteira Oeste, este fenômeno ocorre no curso superior de Tecnologia em Eletrotécnica Industrial, ofertado no período noturno, no qual há inserção é majoritária de homens. Buscando entender esta realidade, o presente trabalho tem como questão central

¹ Discente do Curso Técnico em Administração Integrado do IFMT – Campus Pontes e Lacerda Fronteira Oeste – MT, dudaaaquino8@gmail.com;

² Discente do Curso Técnico em Administração Integrado do IFMT – Campus Pontes e Lacerda Fronteira Oeste – MT, joycebrito_pl@hotmail.com;

³ Discente do Curso Técnico em Administração Integrado do IFMT – Campus Pontes e Lacerda Fronteira Oeste – MT, brubrunana112014@gmail.com;

⁴ Engenheira Florestal, IFMT – Campus Pontes e Lacerda Fronteira Oeste – MT, jessica.santos@plc.ifmt.edu.br;

⁵ Professora orientadora: Mestre em Educação, Instituto Federal de Mato Grosso – Campus Pontes e Lacerda - MT, aline.dutton@plc.ifmt.edu.br

compreender por que o número de mulheres inseridas e a permanência no curso é aparentemente reduzida. Considerando o processo histórico das desigualdades de gênero na sociedade, buscamos verificar a partir das percepções das discentes matriculadas no curso, as motivações que as levaram ingressar e permanecer nesta área de formação acadêmica.

METODOLOGIA

Ao buscar inferências sobre o tema, nos embasamos numa abordagem metodológica de cunho qualitativo, com pesquisas documental e bibliográfica, além de recorrer a dados exploratórios do sistema acadêmico institucional, possibilitando enfatizar o cenário da pesquisa. Entendemos que este desenho metodológico nos oferece uma forma de compreender as relações do fenômeno investigado nos significados atribuídos pela percepção das próprias mulheres, sujeitos da pesquisa (CHIZZOTI, 2008).

O espaço empírico desta pesquisa, é o IFMT, *Campus* Pontes e Lacerda Fronteira Oeste, curso superior em Tecnologia em Eletrotécnica Industrial, localizado no município de Pontes e Lacerda-MT. Como sujeitos, temos seis discentes mulheres matriculadas que estão cursando entre o 1º e 6º semestre do curso. A pesquisa foi realizada em duas etapas. A primeira fase da pesquisa foi levantar junto a secretaria acadêmica e a coordenação do curso da Instituição, o número de discentes ingressantes numa perspectiva de gênero, referente as turmas de 2017/1(primeira turma do curso), 2018/1 e 2019/1, bem como averiguar o quadro de evasão no decorrer deste período.

A segunda etapa consistiu em realizar entrevista semiestruturada com as discentes matriculadas no curso. Para tanto, inicialmente sistematizamos um roteiro de entrevista, e solicitamos à coordenação de curso a interlocução com as acadêmicas. Assim, agendamos uma data para realizar as entrevistas. Todas as entrevistas foram gravadas e realizadas individualmente no mesmo dia, quarta-feira, 3 de julho/2019, no turno do curso na área de convivência do *Campus*. Portanto, a amostra foi composta por seis discentes, que compareceram no curso neste dia, as quais serão referenciadas como Discentes: D1, D2, D3, D4, D5 e D6.

ELETROTÉCNICA INDUSTRIAL: PANORAMA DO CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA DO IFMT- PONTES E LACERDA

O curso superior de Tecnologia em Eletrotécnica Industrial foi instituído no âmbito do IFMT- *Campus* Pontes e Lacerda Fronteira Oeste em 2017/1, está organizado na modalidade de ensino presencial, ofertado no período noturno. As diretrizes curriculares preveem 07 (sete) semestres, correspondentes a três anos e meio de duração. Conforme o Projeto Político Pedagógico - PPC (2016) do curso, a periodização é anual e os meios de ingresso são regulamentados por editais específicos a este fim, prevendo 35 vagas. O profissional Tecnólogo em Eletrotécnica Industrial atuará principalmente no setor industrial, e em empresas relacionadas a execução de projetos, implantação, operação e manutenção nas áreas de geração, distribuição, infraestrutura elétrica e gerenciamento de plantas industriais.

Sobre o ingresso e evasão discente do período investigado, verificamos que em 2017/1 foram realizadas 34 matrículas, das quais 32 foram de homens e apenas 2 de discentes mulheres. Sendo que atualmente apenas 1 se encontra matriculada no 6º semestre. Conforme os dados obtidos através da coordenação de curso referente a esta turma, houve um contingente de evasão

de 48,57%, dos quais 16 são do gênero masculino e apenas 1 do feminino. A discente mulher evadida justificou a sua desistência em decorrência uma gravidez.

No ano de 2018/1, houve o ingresso de 33 homens e 2 mulheres, das quais uma acadêmica se encontra matriculada no 4º semestre, e a outra embora esteja com matrícula efetiva no semestre corrente, não apresenta frequência acadêmica. Em relação aos homens observou-se uma queda no índice de evasão, 37,14%, equivalente a 13 discentes.

De acordo com os dados documentais da secretaria acadêmica do IFMT, houve um aumento expressivo de mulheres ingressas na turma de 2019/1. Das 37 matrículas realizadas, 10 foram referentes às mulheres. Contudo, 02 discentes solicitaram logo em seguida o cancelamento de matrícula, uma delas alegou a escolha de outra área da ciência, migrando para o curso de bacharelado em Direito, ofertada por outra Instituição de Ensino Superior. Esta turma também apresentou a situação de 03 discentes que se encontram matriculadas, porém sem frequência acadêmica, sendo que 1 delas justificou as ausências para a coordenação do curso porque se encontra em período gestacional. Deste modo, atualmente apenas 05 apresentam frequência nas atividades acadêmicas, todas estas foram entrevistadas e compõem o universo da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na busca por compreender os motivos da baixa ingressão de mulheres em curso de exatas torna-se necessário uma melhor análise sobre o conceito de gênero e a perspectiva conceitual de divisão sexual do trabalho e suas influências.

Na perspectiva de Giddens (2012), gênero se caracteriza como o papel que é desempenhado pelo indivíduo em seu aspecto social. Esta abordagem aponta que os arranjos sociais submeteram a mulher por séculos a assumir características de inferioridade ao homem na construção da sua identidade. Tais paradigmas vêm sendo rompidos com o decorrer do tempo, mas é inegável que ainda existem barreiras a serem superadas para a inserção da mulher no âmbito público.

Uma dessas barreiras é a divisão sexual do trabalho, que de acordo com Kergoat (2003), é a maneira como incide em determinado período histórico a divisão social do trabalho, que ocorre a partir das relações de sexo. Esta abordagem coloca os homens como responsáveis do espaço público, destinado a produção, e as mulheres o espaço privado. Assim, mesmo as mulheres que optam por estudar e trabalhar ainda precisam conciliar seu tempo entre o trabalho produtivo e o trabalho reprodutivo. Este comportamento não é cobrado com a mesma ênfase na parte masculina, em que mesmo quando o homem participa destas atividades é considerado como uma ajuda, explicitando que a maior responsabilidade pelo espaço privado permanece sendo da mulher.

A divisão sexual do trabalho influenciou também a divisão sexual por área de conhecimento, pois ela opera a partir de dois princípios basilares, o da separação e o da hierarquização. O primeiro se refere a divisão social atribuída ao trabalho, separando o que é trabalho do homem, do que é o trabalho da mulher. O segundo ponto, é a hierarquização social do trabalho, o qual atribui elementos de prestígio, reconhecimento e valorização. Tais princípios favorecem a desigualdade de gênero em diversas dimensões, incluindo o contexto de formação acadêmica (HIRATA, 2003).

Estudos recentes (QUEIROZ, 2001; CARVALHO E RABAY, 2013), apontaram que atualmente na educação brasileira o número de mulheres em cursos de graduação é maior quando relacionado aos homens. De acordo com os dados do INEP (2009) a participação feminina aumentou 76,92% entre os anos de 2000 e 2007, contudo, ao analisar a área em que essas mulheres se encontram inseridas, observou que a maioria está no eixo de ciências humanas, sociais e da saúde.

Observa-se no campo intelectual traços fortes que remetem a cultura patriarcal, do poder masculino sobre a mulher que acomete principalmente a estrutura familiar. Associa-se a capacidade feminina a uma área descrita com “soft”, ou seja, suave e que possui um alto relativismo e flexibilidade, enquanto as ciências exatas que são consideradas “hard” e robustas são associadas a capacidade masculina (SCHIEBINGER, 2001, p. 296). Tal conceito de capacidade intelectual é outro elemento presente no patriarcado descrito por Bourdieu (1999), nas quais as características, fruto de uma construção social são erroneamente confundidas com aptidões pré-estabelecidas naturalmente, o que enfatiza a subordinação feminina.

Assim, mesmo as mulheres estudantes de ciências exatas que embora estejam rompendo paradigmas, algumas vezes ainda se consideram em situação desfavorável aos seus colegas homens pela questão do gênero, como podemos perceber na fala da discente pesquisada, “No começo, assim, acho que eu ficava meio estranha por ser um curso mais para homens. Tem algumas coisas que mais é o homem que vai saber, mas se a pessoa, tipo a mulher quiser ela consegue, porque não tem esse negócio para homem ou para mulher [...]” (D2).

Estas concepções abordadas se manifestam em toda a sociedade. As mulheres que decidem ingressar em cursos de exatas são constantemente questionadas sobre o seu potencial acadêmico. Evidenciamos isso no contexto empírico da pesquisa,

Tipo assim, no começo todo mundo colocou aquele medo, né? Falou assim quando eu vim fazer minha matrícula: ah, é mais homem nessa área. [...] Essas coisas, mesmo assim eu não desisti falei assim, “é uma oportunidade né, não é só porque é só homem que a gente vai desistir” Ai depois foi chegando mais meninas e a gente foi mais animando (D3).

Eu acho que sempre tem um pouquinho porque você olha pra mulher na parte elétrica ‘ah que que ela sabe? O que ela vai fazer? O que ela quer aqui?’ Então os homens têm esse pensamento de que parte elétrica é deles parte feminina é em outro canto (D6).

Estes dados demonstraram que há uma cultura de dominação simbólica do masculino em relação ao feminino, na qual, a sociedade naturaliza esta relação. A mulher é invisibilizada, como se não tivesse qualificação e capacidade intelectual para exercer determinada função, o que provoca uma violência simbólica. Os elementos constitutivos da violência simbólica tornam os estereótipos de gênero tolerados no meio social de tal maneira que se torna uma violência invisível. Esta realidade ficou evidente, quando questionamos as discentes do curso de Eletrotécnica Industrial se já sofreram preconceito e/ou discriminação por ser mulher e estar inserida num contexto construído socialmente como masculino.

Referente esta questão, a D1 afirma nunca ter sofrido nenhum processo discriminatório na Instituição, contudo, ressaltou que anteriormente a reação do seu pai enfatizou um discurso

machista de que o curso era para homens, demarcando essencialmente a questão da divisão da área por sexo, “Ele falou assim: será que você vai gostar do curso? Porque só tem matemática, uma coisa mais relacionada para o homem” (D1). Assim como a discente 1, a acadêmica D4 ressaltou que no contexto acadêmico nunca sofreu com questões relacionadas a preconceito, mas afirmou que em outros espaços é comum as pessoas apresentarem discursos com esse cunho, “Dentro da sala de aula não, mas fora da sala de aula sempre tem, porque vários lugares que a gente já foi, e a gente sai da faculdade e vai lanchar ou alguma coisa assim sempre tem aquela: ah, mas você faz eletrotécnica, mas isso é um curso só pra meninos e tal”.

A fala da discente 2 demonstra e reforça a presença de uma violência invisível, “[...] no começo assim, acho que eu ficava meio estranha por ser um curso mais para homem, que mais homem faz e aí eles ver mulher fazendo, acho que ficava meio assim, mas nunca chegaram a falar nada não, e agora que a gente tá seguindo em frente acho que deixaram”. Fica evidente a insegurança por ser mulher, estes elementos nos fazem refletir sobre as maneiras como as relações de hierarquização da divisão sexual do trabalho pode implicar para permanência das mulheres no processo de formação acadêmica. Esta percepção é reiterada na fala da Discente 6,

Ah, tipo os meninos da minha sala quando eu entrei no curso no primeiro semestre, eu vi que eles ficavam meio de canto tipo assim ‘que que você está fazendo aqui? Que que tem uma mulher no nosso curso?’ [...] tem uns que falam que lugar de mulher é em casa, é cuidando, tem uns ali que fala.

Estes comportamentos podem influenciar no processo de evasão feminina em cursos de ciências exatas. Outro aspecto observado que também contribui para o baixo ingresso e permanência no curso está relacionado a divisão sexual do trabalho, como destacamos na fala da discente, “como a gente trabalha, aí igual eu que sou casada, tenho a casa também, tomo conta de casa, trabalho e estudo, às vezes falta um pouco de tempo para estudar” (D2). Esta questão foi ressaltada também pela discente 5, quando questionada se o trabalho doméstico da casa era um agente que implicava no desempenho dos estudos, “Pesa um pouco, acaba tomando tempo porque você chega cansada do serviço, aí você ainda tem que cuidar da casa, aí você quer descansar porque a noite você tem a faculdade pra vim, então aquele tempo que sobra pra estudar é bem pouco”. A acadêmica afirmou que esta dupla jornada de trabalho tem prejudicado o seu desempenho acadêmico em decorrência principalmente pelas faltas acumuladas por conta da rotina diária do trabalho.

Em relação as motivações que contribuíram para ingressar no curso de Eletrotécnica Industrial, observamos que duas discentes tiveram influências externas de familiares homens que atuam na área. As acadêmicas tinham conhecimento prévio do curso e um amplo apoio familiar, o que não é um fato frequente na vida das mulheres que decidem cursar área de ciências exatas. Entretanto, destacamos que ambas foram as primeiras mulheres da família a ingressarem nesta área da ciência. Outro fator relevante percebido entre as entrevistas, foi que as outras quatro discentes resolveram ingressar nessa nova área juntas, ou seja, um grupo de amigas após analisar a projeção do curso decidiram encarar o desafio de ser mulher em uma área predominantemente masculina. Contudo, percebemos entre as discentes entrevistadas uma preferência inicial por outras áreas. Quatro discentes mencionaram que sua primeira opção era um curso ligado a área das ciências humanas e saúde. Duas concluíram cursos tecnológicos em recursos humanos, uma atualmente cursa paralelamente gestão hospitalar. E uma desistiu de medicina veterinária devido à falta de apoio familiar.

Em síntese, é inegável que há um maior número de homens cursando a área de exatas, e que a baixa inserção feminina está ligada a diversos fatores frutos da construção histórica enraizado socialmente nas relações de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetos de estudos que integram discussões nesta temática são recentes na academia. Discutir este fenômeno na sociedade atual é fundamental, pois podemos perceber que as relações de gênero nas ciências exatas em seu processo de formação acadêmica apresentam elementos internalizados, naturalizados por uma violência simbólica que implicam para a inserção e permanência das mulheres em determinadas áreas científicas.

A percepção das discentes do curso superior de Tecnologia em Eletrotécnica Industrial, embora tenham ressaltado não sofrer nenhum tipo de discriminação e/ou preconceito no âmbito Institucional, observamos que em outros espaços são questionadas por cursarem uma área majoritariamente composta por homens, e percebemos em suas falas que reiteram a naturalização de alguns elementos que refletem a violência simbólica.

Ainda que tenhamos observado algumas contradições, acreditamos que a análise proposta foi de suma contribuição para refletir sobre questões relacionadas a esta realidade, possibilitando a ascensão de acervos acadêmicos desta temática, visando expandir agenda de pesquisa que possa contribuir para superar o sexismo e a divisão sexual por área de conhecimento.

Palavras-chave: Gênero, Eletrotécnica Industrial, Ciências Exatas.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P.; **A Dominação Masculina**. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, RJ, 1999
- CARVALHO, M. E. P.; RABAY, G. (2013). **Gênero e Educação Superior: apontamentos sobre o tema**. João Pessoa: Editora da UFPB.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 2ª. Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Tradução: Sandra Regina Netz. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.
- HIRATA, Helena. **Globalização e Divisão Sexual do Trabalho**. Cadernos Pagu. Campinas (17/18), 2001-2002. P. 139 – 156.
- INEP. Censo de educação superior: 2009. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.
- KERGOAT, Danièle. **Divisão Sexual do Trabalho e Relações Sociais de Sexo**. In: Trabalho e Cidadania Ativa para as Mulheres: desafios para as Políticas Públicas. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003.
- QUEIROZ, C. T. A. P.; CARVALHO, M. E. P.; MOREIRA, J. A. **Gênero e inclusão de jovens mulheres nas ciências exatas, nas engenharias e na computação**. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2014.
- SCHIEBINGER, L. 2001. **O feminismo mudou a ciência?** São Paulo: EDUSC, 2001.